

Uma Análise do Fenômeno dos Evangélicos Não-Determinados a Partir da perspectiva Tillichiana de Heteronomia, Autonomia e Teonomia

George Jeovanholi Paradela*

RESUMO

Este artigo pretende analisar o fenômeno crescente dos *evangélicos não-determinados*, relatado pelo Censo de 2010. Utilizaremos a perspectiva tillichiana de heteronomia, autonomia e teonomia utilizada para analisar o movimento da história das religiões e aplicaremos para, possivelmente, identificar em qual perspectiva o fenômeno dos *evangélicos não-determinados* pode ser identificado.

Palavras-chaves: Evangélicos não-determinados, Paul Tillich, Teonomia.

AN ANALYSIS OF THE PHENOMENON OF NON-DETERMINED EVANGELICALS FROM THE PERSPECTIVE OF TILlichIANA HETERONOMY, AUTONOMY AND THEONOMY

ABSTRACT

This article analyzes the growing phenomenon of non-determined evangelicals, reported by the 2010 Census. We will use the Tillich prospect of heteronomy, autonomy and theonomy used to analyze the motion of the history of religions and apply to possibly identify which perspective the phenomenon of non-determined evangelicals can be identified.

Keywords: non-determined evangelicals, Paul Tillich, Theonomy.

Introdução

O fenômeno dos *evangélicos não-determinados* é uma realidade crescente no seio evangélico brasileiro. Pouca reflexão tem sido feita em relação às características deste grupo, por isso nossa motivação

* Graduando em teologia pela Universidade Metodista de São Paulo e Bolsista PIBIC/CNPq no período 2013-2014. E-mail: georgeparadela@gmail.com. Currículo Lattes: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4868588H6>

em contribuir para a reflexão em relação a este fenômeno em crescimento. Neste artigo pretendemos analisar as características deste movimento emergente que tem gerado novas implicações para o cenário evangélico brasileiro.

Na primeira parte deste artigo pretendemos identificar quais as características deste fenômeno emergente do Censo de 2010. Na segunda parte abordaremos os conceitos tillichianos sobre heteronomia, autonomia e teonomia. Tendo feito este pano de fundo, nas considerações finais tentaremos entender melhor o movimentos do *evangélicos não-determinados* a partir da lógica dos conceitos de Paul Tillich.

1 Fenômeno dos evangélicos não determinados

O “*Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*”, consolidou o crescimento do segmento evangélico em nosso país. De acordo com o censo de 2000, o segmento obteve um percentual de 15,4% da população brasileira, contudo, em 2010 o censo registrou que 22,2%, dos brasileiros se declararam evangélicos¹.

O grupo evangélico foi fragmentado, pelo censo, em três subgrupos de igrejas, a saber: 1) *Evangélicas de missão*; 2) *Evangélicas de origem pentecostal* e 3) *Evangélica não determinada*. Um dado relevante, para a pesquisa proposta, é o significativo crescimento do terceiro subgrupo, “*Evangélica não determinada*”; em 2000 o grupo era de apenas 1%, em 2010 saltou para 4,8%, ultrapassando os “Evangélicos de missão” que caíram para 4%. Sendo assim, observando o período de 2000 a 2010, o censo reconheceu o aumento expressivo do segmento da população que apenas respondeu ser evangélica, não se declarando, portanto, como de missão ou de origem pentecostal².

As primeiras análises mostram que muitos dos “evangélicos não determinados” são pessoas que emergiram de frustrações com as instituições evangélicas. Por tal razão, não conseguem se adaptar aos sistemas burocráticos destas instituições³. Rafael Lopez Villasenor, Doutor em ciências sociais pela PUC de São Paulo, revela em sua pesquisa sobre

¹ *Censo demográfico de 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 2010.

² *Censo demográfico de 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 2010.

³ MARIANO, Ricardo. Em marcha a demografia religiosa do país. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/51846-em-marcha-a-transformacao-da-demografia-religiosa-do-pais.shtml>> Acesso em 12 de maio de 2014.

a crença e experiências religiosa dos sem igreja, que um fator determinante para o aumento de indivíduos que optam por uma espiritualidade sem instituição, são as frustrações experimentadas nas comunidades anteriormente frequentadas. (VILLASENOR, 2013, p. 230)

Percebe-se conseqüentemente, que parte desse grupo busca desenvolver, possivelmente, uma espiritualidade desprendida da vivência e do compromisso comunitário, ao buscar nutrir sua espiritualidade a partir das experiências midiáticas (TV, Internet, rádios, filmes), com a intenção de possibilitar um menor índice de frustrações; uma vez que essas experiências são, em suma, sem uma relação interpessoal intensa. Intensificando este raciocínio, observemos o relato da experiência de um amigo pessoal de Nelson Bomilcar que se frustrara com a igreja:

Não fui a nenhuma igreja no final de semana e, preciso ser sincero com você, não senti a menor falta. Estou bem com minha opção atual, fazendo parte da “Comunidade Virtual Weberiana”, e assim vou me alimentar aqui e ali com algumas mensagens em mp3 e participando de fórum de discussões on-line. É um caminho de sobrevivência. Sinceramente, não acredito mais na proposta de ser igreja. (BOMILCAR, 2012, p.15)

Em nossa percepção, a midiatização da sociedade tem um papel indelével neste fenômeno sociológico chamado evangélicos não determinados (sem-igreja). Portanto, é preciso compreender algumas características desta cultura midiatizada.

1.1 Cultura Midiatizada

A sociedade contemporânea está imersa em uma cultura midiatizada. Nesta cultura emergente, somos regidos pelas novas tecnologias e moldados pelo virtual. Segundo Stewart Hoover, são as lógicas midiáticas que enquadram, isto é, ditam o que é ou não é em uma cultura midiatizada. Sendo a religião parte da cultura, ela não deixa de ser afetada por este processo. Quando a cultura é midiatizada a religião também o é. Neste raciocínio, se a mídia enquadra as regras da sociedade, é também o enquadramento da mídia que diz o que a religião é ou não é em nossos dias⁴.

⁴ Anotações das palestras do Seminário “Religião Digital como Terceiro Espaço”, realizado pelo Dr. Stewart Hoover na UMEP em Abril de 2013.

Vive-se este tempo cultural, em favor do processo de midiatização da sociedade. Mas, o que é *midiatização* e quais são os seus efeitos? Entende-se midiatização como “(...) fenômeno técnico-social-discursivo pelo qual as mídias se relacionam com outros campos sociais, afetando-os e por eles sendo afetados (...)”. (GASPARETO, 2011, p.16) Isto é, o processo pelo qual as mídias, de todas as espécies, interagem com outras ambiências sociais – tais como a política ou a religião – influenciando e sendo influenciadas, geram a formação de uma nova ambiência, a saber, a ambiência midiática. Como afirma Gasparetto: “A midiatização é um grande *ambiente* em que há cruzamentos de ações, principalmente pelo trabalho dos dispositivos midiáticos e suas operações sobre o funcionamento das práticas religiosas”. (GASPARETO, 2011, p.43)

A religião também é experimentada neste “novo contexto existencial”. E assim sendo, emerge uma possível transformação e reorganização do mundo religioso e suas práticas. Como certifica Gasparetto: “O novo ambiente tecnomidiático tem-se configurado como um espaço privilegiado para uma ressignificação da religião e do religioso nos dias atuais”. (GASPARETO, 2011, p.42) Essa ressignificação não se restringe somente à religião do ambiente midiático, uma vez que a vivência religiosa neste contexto determina um novo modo de habitar e organizar o mundo, influenciando nossa existência fora da ambiência midiática.

Tendo em mente que a ambiência midiática transforma nosso modo de viver, poder-se-á inferir que ela, da mesma forma, transforma nosso modo de pensar e viver a fé.

2 Heteronomia, Autonomia e Teonomia em Paul Tillich

Após a exposição do fenômeno religioso em pesquisa, iremos nos atentar nesta seção ao pensamento de Paul Tillich. Primeiramente, focaremos em analisar os conceitos de heteronomia em oposição à autonomia, em seguida, observaremos o conceito de teonomia. Conceitos que se encontram em inúmeras partes de sua magnífica Teologia Sistemática.

Nossa hipótese na relação destes conceitos com o fenômeno religioso destacado no princípio deste trabalho, é que estes conceitos podem ser uma chave para compreendermos com profundidade o fenômeno em questão. Pois, para Tillich o conflito entre autonomia e heteronomia em relação com a teonomia, é uma chave para a compreensão da história

universal. Cito: “Visto desde uma perspectiva de história universal, o conflito entre autonomia e heteronomia é a chave para qualquer compreensão tanto do desenvolvimento grego quanto do moderno, e de muitos outros problemas da história espiritual da humanidade.” (TILLICH, 2005, p. 98-99)

2.1 Heteronomia

De início iremos observar o conceito que foi intitulado por Tillich de heteronomia. Este conceito é explicado como uma lei que vem de fora do indivíduo. Por ser uma lei que vem de fora do indivíduo que a concebe, para Tillich, ela é uma lei impossível de ser benéfica para o mesmo. Em sua *Teologia Sistemática*, o autor explica que: “A heteronomia impõe uma lei (*nomos*) estranha (*heteros*) a uma ou a todas as funções da razão. Ela emite ordens a partir de “fora” sobre como a razão deveria apreender e configurar a realidade.” (TILLICH, 2005, p. 98)

De acordo com Tillich nenhuma autoridade que esteja fora do indivíduo pode ser entendida como uma autoridade absoluta, isto é, incondicional. E ele é mais profundo ao afirmar que qualquer um ou qualquer coisa que fale em nome do próprio Deus e proceda de fora do indivíduo, deve ser resistido. Deste modo afirma Tillich que:

“Nenhum mandamento externo pode ser incondicional, venha do Estado, de pessoas ou de Deus – quando Deus é considerado um poder fora de nós – estabelecendo leis para nosso comportamento, qualquer estranho, mesmo que se chame Deus, que imponha mandamentos sobre nós, deve ser resistido” (TILLICH, 2009, p.186)

Em suma, as ações heterônomas buscam uma condição que não lhes é cabível, a saber, a de ser infinito. Cito: “A heteronomia é a autoridade reivindicada ou exercida por um ser finito em nome do infinito.” (TILLICH, 2005, p. 158)

2.2 Autonomia

O próximo conceito a ser destacado é o que Tillich chamou de autonomia. No horizonte tillichiano este conceito se desenvolve numa dialética com a heteronomia. Em muitos momentos da história era possível perceber momentos em que as formas de pensamento heterônomas se sobressaíram em detrimento da autonomia e vice versa.

Desta maneira, como dito anteriormente, em oposição ao conceito de heteronomia surge o que o teólogo Paul Tillich intitula de autonomia. Na perspectiva tillichiana autonomia é a lei que vem do próprio indivíduo: “O *nomos* (lei) do *autos* (*self*) não é a lei da estrutura da própria personalidade. É a lei da razão subjetiva-objetiva. É a lei implícita na estrutura do *logos* da mente e da realidade.” (TILLICH, 2005, p. 97)

Assim sendo, Tillich afirma que a autonomia é uma lei que se fundamenta na razão do indivíduo. Cito: “autonomia significa a obediência do indivíduo à lei da razão, lei que ele encontra em si mesmo como ser racional.” (TILLICH, 2005, p. 97)

2.3 Teonomia

Extrapolando tanto o conceito de heteronomia e o de autonomia, surge o que Tillich destaca como teonomia. A teonomia é uma lei fundamentada em Deus, mas, também possui forte fundamento na racionalidade humana, pois, a razão em união com o incondicional gera uma maior profundidade. Desta forma percebe-se que a teonomia é: “Deus (*théos*) é a lei (*nomos*) tanto da estrutura quanto do fundamento da razão, ambos, estrutura e fundamento, estão unidos nele, e sua unidade se manifesta numa situação teônoma.” (TILLICH, 2005, p. 98)

Desta forma, é possível perceber que a teonomia é a conjuntura ideal que a humanidade dever buscar. Tanto a heteronomia quanto a autonomia possuem elementos que a ligam a teonomia, a questão é que ambas acabam por se desviar do que ela é. A heteronomia se distancia uma vez que enfatiza uma lei que vem de fora da individualidade, impedindo assim que a razão se efetive, o que vai em sentido absolutamente oposto ao que a teonomia realiza. A autonomia, acaba se dispersando da teonomia porque apesar dela estar em uma boa trajetória, uma vez que a lei parte da própria personalidade, ela acaba se afastando por não buscar toda a profundidade ôntica que somente pode ser conferida pelo incondicional. Logo, Tillich afirma que: “A autonomia e a heteronomia estão enraizadas na teonomia, e cada uma delas se extravia quando se rompe sua unidade teônoma. Teonomia não significa a aceitação de uma lei divina imposta à razão por uma autoridade suprema. Significa a razão autônoma unida à sua própria profundidade.” (TILLICH, 2005, p. 98)

Considerações Finais

Tendo explanado o fenômeno religioso dos evangélicos não-determinados e depois explicado os conceitos tillichianos em debate, tentarei expor algumas considerações sobre o fenômeno religioso em questão, tendo como norte para sua compreensão os conceitos de Tillich destacado neste texto.

Nossa hipótese é que grande parte dos *evangélicos não-determinados* se emanciparam das instituições religiosas, isto é, se desligaram do compromisso comunitário-institucional de suas igrejas, porque viviam numa dinâmica heterônoma em relação às suas instituições religiosas, ou seja, suas instituições impunham leis que suprimiam seus indivíduos.

Em resposta a este conflito, as primeiras análises em relação a este grupo destacam que eles desenvolvem sua espiritualidade de maneira autônoma. O que poderia nos fazer caracterizar este fenômeno como um movimento autônomo, isto é, que se pauta pelas leis da sua razão. Todavia, ao observarmos o perfil deste grupo identifico que, muitos deles, estão em busca de uma experiência espiritual numa perspectiva teônoma, isto é, intensa em sua busca de sentido existencial, ou seja, uma experiência espiritual com profundidade ôntica.

Concluindo parece-nos que inicialmente o movimento dos evangélicos não-determinados surgem como um fenômeno de autonomia, porém, percebe-se que a grande questão em jogo é a busca intensa de um sentido existencial que não fora encontrado em suas experiências anteriores com suas instituições religiosas.

Referências

BOMILCAR, Nelson. **Os Sem-igreja**: buscando caminhos de esperança na experiência comunitária. São Paulo: Mundo Cristão, 2012

Censo demográfico de 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. Rio de Janeiro: IBGE, Diretoria de Pesquisas, 2010

GASPARETTO, Paulo Roque. **Midiatização da religião**: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. São Paulo: Paulinas, 2011

MARIANO, Ricardo. Em marcha a demografia religiosa do país. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/poder/51846-em-marcha-a-transformacao-da-demografia-religiosa-do-pais.shtml>>.

TILLICH, Paul. **Teologia da Cultura**. Tradução de Jaci Marashin. São Paulo: Fonte Editorial, 2009.

_____. **Teologia Sistemática**. Tradução de Getúlio Bertelli e Geraldo Korndörfer. 5. ed. São Leopoldo: EST & Sinodal, 2005.

VILLASENOR, Lopez Rafael, **Crenças e experiências religiosas dos “sem religião” nas comunidades virtuais**. In: MARANHÃO FILHO, Eduardo Meinberg de A. (org) Religiões e religiosidades no (do) ciberespaço. São Paulo: Fonte Editorial, 2013.